
A Representatividade Negra da Personagem Killmonger no Filme Pantera Negra¹

Tamara Lopes de SOUSA²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O filme “Pantera Negra” de 2018 foi um fenômeno mundial, sendo considerado por muitos críticos um dos melhores filmes dos estúdios Marvel. Isso acontece porque a narrativa se deteve a ser apenas um filme de “herói”: trouxe também para o grande público temáticas de relevância social. A representatividade negra e necessidade de reparação história, por exemplo, são apresentadas através da personagem Erik Killmonger, vilão do filme. Apesar de vilões geralmente serem construídos para criar uma dicotomia de bem e mal nos filmes de herói, Killmonger vai além disso: traz reflexões e discorre sobre suas motivações e ideologias, pautadas na melhoria da qualidade de vida das pessoas negras.

PALAVRAS-CHAVE: Pantera Negra; Killmonger; Personagem; Representatividade; Empoderamento negro.

1 INTRODUÇÃO

O cinema influencia direta ou indiretamente a vida das pessoas. Segundo Andrew (2002), “O cinema é fotografia, mas fotografia elevada a uma unidade rítmica e que, em troca, tem o poder de gerar e ampliar nossos sonhos”. Através de suas narrativas, da construção dos roteiros, dos aspectos cênicos, do figurino, maquiagem e diversos outros símbolos, o cinema é capaz de envolver os espectadores gerando fenômenos culturais. Munsterberg, um dos precursores das teorias do cinema, afirmara que “todas as invenções e o uso do cinema foram desenvolvidos para moldar e criar filmes a partir da mente humana. É a mente a fonte do cineasta e a substância dos filmes”.

Desde que se tem notícia, a humanidade carece de representações para se diferenciar dos demais seres. Das pinturas rupestres na pré-história até as fotografias digitais e o cinema: todos querem sentir pertencentes ao mundo através de imagens.

Entretanto, a maioria das mensagens atribuídas aos filmes reproduz o padrão branco eurocêntrico tido como hegemônico: os “melhores” atores e atrizes, os diretores,

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, e-mail: tamaralopes@alu.ufc.br

os roteiristas, os produtores, os maquiadores, enfim, a maioria dos indivíduos que estão responsáveis pela construção de um filme são pessoas brancas. Isso acaba excluindo uma grande parcela da população, o que além de gerar a falta de representatividade, faz com que esses corpos discrepantes se sintam excluídos da sociedade. A sensação de exclusão e o não pertencimento acarretam em algumas consequências nocivas para o desenvolvimento humano.

Ser uma pessoa negra é estar em constante estado de alerta. A nossa cor chega antes de qualquer fala, de qualquer título ou diploma. Somos lidos como seres perigosos pelo simples fato de termos mais melanina em nossas peles. Kilomba (2010) afirma que “o sujeito Negro torna-se [...] aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado”, em outras palavras, a cor de pele, numa sociedade racista, é determinante para que o negro seja visto como inimigo, marginal, vilão. “Enquanto o sujeito Negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano”. (KILOMBA, 2010, p.174)³

Películas e filmes são capazes de romper com esse imaginário negativo a respeito de corpos negros na medida em que apresentam suas pautas de maneira orgânica e respeitando os aspectos ideológicos que envolvem ser negro no mundo. Um desses filmes é “Pantera Negra” de 2018.

2 ASPECTOS REPRESENTATIVOS EM PANTERA NEGRA

Foi então que, em 2018, um dos maiores estúdios de entretenimento mundial, a Marvel, lançou o filme “Pantera Negra” (Black Panther), dirigido por Ryan Coogler, que dividiu a escrita do roteiro com Joe Robert Cole. Os dois têm em comum, dentre outras coisas, o fato de serem negros e se preocuparem em criar narrativas que esboçam a beleza e a importância da cultura negra sempre tão apagada dos holofotes. Além disso, a maioria dos atores presentes nesse filme são negros: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Daniel Kaluuya, Angela Bassett, Danai Gurira e Forest Whitaker são alguns dos ótimos atores que compõem o elenco do longa-metragem.

O filme é baseado em uma série de HQs criada pela Marvel. Yunes (2018) aponta que

³O texto original está em inglês e a tradução foi feita pela pesquisadora Jéssica Oliveira de Jesus. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RSeSZVYmA0ceWcFZCyROs9xuS0P2ZRB4/view?fbclid=IwAR0IEP9BBxzl8SntOa4aiICzTe8aQZ6BYN6Q4cqM3-I9mbWwJ4CzMFEE9k>

“os personagens negros sempre estiveram presentes nas páginas das histórias em quadrinhos desde o seu surgimento em 1896. Entretanto, sua representação nas histórias sempre foi majoritariamente em papéis de personagens cômicos, de baixa inteligência, vilões ou coadjuvantes. Isso é reflexo da cultura de estereótipos e do racismo que persiste desde os tempos antigos até os atuais.”

“Pantera Negra” se destacou por se o primeiro filme de herói com um protagonista negro e que pautou questões raciais de maneira direta e pungente. Como já mencionado, outros personagens negros já haviam aparecido em outros filmes da Marvel, entretanto nenhum deles foi bem apresentado ao público, sendo extremamente superficiais e colocados nos filmes apenas como personagens rasas. “O povo negro só aparecia nas histórias como coadjuvantes temporários nas aventuras dos heróis brancos, ou caricaturados, mantendo o estereótipo de que o negro é inferior, feio, mal, primitivo, [e] menos inteligente (...)” (CIRNE, 2000, p.85).

Em meio a uma quantidade maior de super-heróis brancos retratados no cinema, os únicos heróis negros presentes no meio cinematográfico até o momento foram: Tempestade nos filmes X-Men 01, 02, 03 e X-Men Apocalipse; Pantera Negra no filme Guerra Civil e no seu próprio filme; O Patriota de Ferro nos filmes Homem de Ferro 02 e 03, a Guerra Civil e Vingadores “A era de Ultron”; O personagem Falcão no filmes Capitão America 02 “O Soldado Invernal”, a Guerra Civil e o Homem-Formiga e por fim o personagem Ciborgue no filme a Liga da Justiça. Portanto, observa-se que a falta de protagonismo destas histórias no meio cinematográfico é evidente, visto que os heróis em questão são personagens participantes de um contexto onde sua relevância em geral é sempre menor que de um herói branco. (YUNES, 2018, p. 71)

Para existir uma representatividade, não basta incluir no elenco atores e atrizes negras: é necessário que o roteiro se preocupe em abordar temáticas que pautem as lutas e vivências dessas pessoas, tornando as personagens complexas e humanizadas, evitando assim uma exposição superficial ou rasa das vivências de pessoas negras.



Frame da cena onde todas as tribos de Wakanda estão reunidas durante a cerimônia de coroação do rei T'Chala. Fonte: filme “Pantera Negra”, 2018.

O enredo se passa no país fictício de Wakanda, localizado na África. A região é culturalmente rica e é retratada como um espaço utópico onde a branquitude não passou e, portanto, não corrompeu com seus padrões estéticos e culturais. Não houve naquele espaço processo de escravização humana muito menos colonização. Isolados e livres dessas opressões, os habitantes de Wakanda podem se expressar livremente e cada um tem o seu próprio padrão de beleza. No filme, criaram 5 tribos diferentes, cada uma com seu aspecto estético e cultural próprio, que remetem a estilos reais de alguns povos africanos. Houve por parte da produção do filme uma pesquisa aprofundada na hora da criação do figurino de cada grupo e percebe-se aspectos afrofuturistas.

É uma nova tecnologia de cura, memória e justiça, que desestabiliza noções de tempo linear ocidental. O tempo, no mundo do afrofuturismo, é cíclico, pode se mover em todas as direções e trata do passado, presente e futuro como uma experiência ditada pelo ponto de consciência. O Afrofuturismo proposto aqui vai muito além das limitações da ficção científica. Mas como uma lente para entender melhor nossas vidas e suas possibilidades além das circunstâncias atuais. Também reimaginar a ciência e o futuro a partir de uma perspectiva negra. (AFROKUT, 2018)

Além disso, Wakanda é o único local em que existe um metal chamado vibranium. Tal substância é extremamente avançada e garante a esse pequeno país uma tecnologia superior a qualquer lugar do planeta. Entretanto, toda essa riqueza é mantida

em sigilo e só os habitantes daquele local podem usufruir dos benefícios garantidos por tais tecnologias, tais quais avanços no transporte, na medicina e na segurança do país.

3 ERIK KILLMONGER E A PAUTA DA REPARAÇÃO HISTÓRICA

O filme inicia apresentando o então pequeno Erik jogando basquete em uma quadra na periferia dos Estados Unidos. Até então não sabemos, mas ele é filho de N' Jobu, irmão do rei de Wakanda, T'Chaka. Em determinado momento na década de 1990, N' Jobu se compadece da pobreza e do sofrimento das demais pessoas negras do planeta e resolve contrabandear vibranium para, assim, fazer com quem mais pessoas tivessem acesso as tecnologias que este material é capaz de desenvolver. Em um diálogo posterior é possível entender que as motivações dele estão relacionadas a uma espécie de salvação para o povo negro que vive na marginalidade em vários locais do planeta e, em específico, nas periferias e guetos dos Estados Unidos. T'Chaka considera tal ato como uma traição à Wakanda, uma vez que é tradição do povo manter em segredo suas tecnologias, evitando conflitos e guerras por causa do vibranium. Depois de um diálogo elucidativo, o rei de Wakanda acaba por matar seu próprio irmão.

Erik, fica então órfão e esse é um dos aspectos narrativos que pode ser considerado para que, no futuro, ele se torne Killmonger, o vilão do filme. De uma origem pobre, sem a presença dos pais, com o conhecimento sobre Wakanda e todas as riquezas do país africano e o sentimento de vingança, Erik estabelece como meta de vida treinar para se tornar o novo rei e dividir as riquezas de lá com todos os negros, num movimento de reparação ou retomada..

Diferente de muitos outros vilões dos filmes da Marvel, que apresentam desejos egocêntricos, narcisistas e megalomaniacos de dominação ou destruição mundial (ou universal), Killmonger quer o poder do vibranium para conseguir reparação histórica ao seu povo. O maior desejo dele é fazer com que as pessoas negras não vivam mais no estado de miséria que se encontram, porém, para isso ele não abriria mão do uso da violência contra a branquitude. A personagem foi construída baseada em um dos grandes líderes do movimento negro, Malcolm X.



Frame da cena em que Killmonger confronta a funcionária do museu sobre a origem dos artefatos africanos. Fonte: filme “Pantera Negra”, 2018.

Uma das primeiras falas de Killmonger no filme é dirigida a uma mulher branca que trabalha em uma galeria de um museu. Ele aponta para uma antiguidade africana e diz que irá levá-la, a mulher se opõe e ele questiona: “como você acha que seus ancestrais conseguiram os objetos? Acha que pagaram um preço justo? Ou que eles tiraram de nós, como tiram tudo o que querem?”. Em três perguntas, o vilão do filme, personagem que geralmente é colocada para representar o mal e fazer uma dicotomia com o herói, aponta a violência dos colonizadores, que invadiram as terras africanas, tomaram suas riquezas e se apropriaram delas. Uma percepção que poderia muito bem ser colocada pelo protagonista e herói do filme, T’Chala, o Pantera Negra.

Campos (2011) lembra que “vilão é personagem que narrador e espectador amam condenar, adoram odiar, distante de quem querem estar, com quem não querem se identificar e que, enfim, querem ver desmascarado, punido e infeliz”. Todavia, Killmonger inverte um pouco essa lógica na medida que traz para o filme questões importantes para as lutas de pessoas negras como a representatividade.

4 CINEMA E REPRESENTATIVIDADE NEGRA

O cinema tem a capacidade de informar, de criar conceitos, de estabelecer narrativas. Várias gerações cresceram com ícones do cinema sempre situados em um padrão: branco, loiro, olhos azuis e europeu. A mídia, a moda, os estilos de vida, toda uma estrutura social é pautada até hoje sob esse espectro. E tudo que está de fora disso é “o outro”.

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito Negro torna-se não apenas o ‘Outro’ – o diferente em relação ao qual o ‘self’ da pessoa branca é medido – mas também ‘alteridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘self’ do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer. (KILOMBA, 2010, p.174)

E tal representação mental apontada por Kilomba acaba atingindo a nós, pessoas negras, fazendo com que tenhamos vergonha dos nossos aspectos físicos, do tom da nossa pele e das nossas características culturais, buscando apagar nossa identidade e nossa raça.

A raça é uma característica discursiva e não uma característica biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro. (HALL, 2006, p.63)

Ingressar na Academia, majoritariamente branca, pautada em pensadores igualmente brancos e se opor ao que está posto como cânone através de um estudo explanando temáticas sobre negritude, tendo como base da escrita um filme feito com pessoas pretas, dirigido e roteirizado por artistas pretos é de extrema relevância. A Universidade, como ambiente formador de conhecimento, deve estar diretamente ligado às pautas sociais, contribuindo e somando para que as desigualdades sejam sanadas.

Quando são considerados os mecanismos sociais que obstruem a mobilidade social ascendente do negro, às práticas discriminatórias dos brancos devem ser acrescentados os efeitos derivados da internalização pela maioria da população negra de uma auto-imagem desfavorável. Esta visão negativa do negro começa a ser transmitida nos textos escolares e está presente numa estética racista veiculada permanentemente pelos meios de comunicação de massa, além de ser incorporada num conjunto de estereótipos e representações populares. Desta forma, as práticas discriminatórias e a violência simbólica exercida contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de

acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como os ‘lugares apropriados’ para as pessoas de cor (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.91)

Em sua obra *Lugar de Negro*, Gonzalez (1982), relaciona o desaparecimento do registro histórico e a invisibilidade do negro ao processo de construção de sua identidade, que acaba sendo definida pelo branco. Filmes como “Pantera Negra” rompem com esse processo histórico de apagamento, oferecendo a seus espectadores a representatividade que eles tanto almejam.

A representação da negritude na história da arte ocidental é ínfima. Desde a pintura, passando pela música, até chegar ao teatro, poucos são os negros que marcam a produção global, seja como representados ou como criadores. Isto porque a história foi escrita por pessoas brancas e para pessoas brancas. Obras como *A redenção de Cam*, de Modesto Brocos (1895) e o *Otelo*, interpretado por Lawrence Oliver na adaptação de 1965 da peça de Shakespeare, reforçam isso.

Movimentos como o *blaxploitation*, nos Estados Unidos, e o Teatro Negro Experimental (TEN) aqui no Brasil são exemplos de resposta ao apagamento e embranquecimento da representação da população negra. São trabalhos realizados com pessoas negras, sobre as temáticas que lhes eram inerentes, e voltados para espectadores negros.

O *blaxploitation* inclusive influenciou na construção do filme “Pantera Negra”, uma vez que a maioria das pessoas envolvidas no projeto são negras e existem pautas afirmativas pronunciadas inclusive pelo personagem Killmonger que faz alusão a alguns militantes como Malcolm X. Por mais que o filme não trouxesse questões raciais, só o fato de reunir um elenco de maioria negra seria um marco para a história do cinema. Hooks (2019) afirma que para espectadores negros “ver televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era envolver-se com a negação da representação negra”. Dessa forma, romper com esse ciclo de apagamento é muito importante para a construção individual e coletiva das pessoas negras.

Um herói pode trazer em si vários aspectos importantes para a construção de um ideal de postura na sociedade. Segundo Nama (2011), citado por Yunes (2018):

“O arquétipo do super-herói está fortemente mergulhado em afirmar uma divisão entre o certo e o errado, e assim os super-heróis operam dentro de uma estrutura moral. Além do mais, virtualmente todos os super-heróis são

vitoriosos, não por causa da força ou armamento superiores, mas por causa da determinação moral demonstrada pela preocupação com os outros e pelas noções de justiça. Assim, os super-heróis negros não são apenas figuras que derrotam supervilões fantasiados: eles simbolizam a moralidade e a ética raciais americanas. Eles claramente representam ou implicitamente significam o discurso social e aceitam a noção de noções de reciprocidade racial, igualdade racial, perdão racial e, finalmente, justiça racial. Mas os super-heróis negros não são apenas representativos do que é racialmente correto. Eles também são metáforas maduras para as relações raciais na América, e muitas vezes remetem a agitação racial crescente e declinante. Nesse sentido, os super-heróis negros nas histórias em quadrinhos americanas e, em menor grau, nos filmes e na televisão de Hollywood são cifradores culturais da sombra aceita em relação à justiça racial e à mudança das políticas de formação racial negra na América.” (YUNES, 2018, p. 71)

“Pantera Negra” é um filme que foi construído com uma estética fantástica e afrofuturista, todavia o que mais encanta é a representatividade e a elaboração das personagens, como o vilão Killmonger. Botelho e Júnior (2019) descreve o vilão como um: “órfão e abandonado por seu tio e rei T’Chaka, foi criado pela sua mãe americana, sem contato com Wakanda, e encarou, desde cedo, todas as desigualdades que a população negra sofre atualmente.” Discriminações que o próprio Pantera Negra não sofrera, já que nasceu e cresceu em Wakanda, distante de qualquer opressão de raça.

Killmonger cresce com o desejo de conquistar o trono por meio de uma batalha justa e assim, a meta de libertar o seu povo, a partir do uso do Vibranium, poderia ser cumprida. Para realizar esse feito e tornar o mundo melhor, assim como dita o arquétipo, pretende distribuir armas e recursos para que as pessoas tenham poder e possam se defender. (BOTELHO; JUNIOR. 2019, p. 179)

“O mundo começará de novo e dessa vez estaremos no topo”. Essa é uma das frases proferidas por Killmonger durante o filme e demonstra que suas ambições não são individuais e egoístas, mas que ele quer promover uma reparação história, retirando as pessoas negras da situação de opressão em que elas se encontram.

A luta de Killmonger nunca foi contra Wakanda por si só, ou pelo Vibranium, ele lutava pela liberdade dos seus irmãos negros, que por séculos sofreram consequências de um mundo racista e cruel, onde ele nasceu e cresceu. O personagem demonstra respeito pelo seu povo até na morte, quando afirma que prefere ser jogado no oceano como seus ancestrais que pularam dos navios negreiros, porque eles sabiam que a morte era melhor que a escravidão. (BOTELHO; JUNIOR. 2019, p.180)

Kilomba (2010) apresenta vários aspectos da influência da branquitude na falta de autoestima da população negra. A autora cita que vivemos em “um círculo infernal: ‘Quando pessoas gostam de mim, me dizem que é apesar da minha cor. Quando não gostam de mim, apontam que não é por causa da minha cor’”. Filmes como “Pantera Negra” funcionam como uma espécie de válvula de escape para toda essa opressão, gerando conforto e dando um otimismo necessário para o indivíduo negro. E personagens como Killmonger dão uma perspectiva de reação que no cotidiano não percebemos quando inertes no mar de “brancura” em que estamos mergulhados.

Chadwick Boseman, ator que representa T’Chala, o Pantera Negra, deu a seguinte opinião em uma entrevista para o The Atlantic: ‘Eu interpreto o inimigo. T’Challa é o inimigo que eu sempre conheci: ele é o poder. Ele tem privilégios. Ele nasceu em um berço de Vibranium. Erik Killmonger é um afroamericano que está tentando encontrar suas raízes, essa busca está no filme. Eu não sei se os afroamericanos aceitariam T’Challa como um herói. Killmonger passou pelas mesmas dificuldades que a gente. T’Challa não.’ (BOTELHO; JUNIOR. 2019, p. 181-182)

Tais características apresentadas pelo próprio ator que protagoniza o filme mostram que o Killmonger é um vilão fora dos padrões da Marvel, podendo inclusive está na posição de herói, dependendo do ponto de vista do espectador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, podemos observar o papel social do cinema na construção do imaginário popular sobre determinados corpos e variadas etnias, especificamente da cultura negra. Com uma personagem forte e bem estruturada em um roteiro, é possível

compartilhar com o público temáticas de relevância social e que estão em pauta na atualidade.

Erik Killmonger, para além de um vilão nos moldes pré-estabelecidos pelos estúdios da Marvel, carrega em si uma potência narrativa de um herói, com princípios, motivações e lutas bem consolidadas, objetivando um bem-estar social para um grupo historicamente oprimido e negligenciado. O que faz dessa personagem uma vilã para o roteiro é o fato de utilizar de violência para conseguir seus objetivos. Entretanto, se analisarmos historicamente as “conquistas” de outros povos, como os brancos colonizadores, também estão permeadas por violência.

Essa personagem tem a capacidade de gerar empatia entre as pessoas negras que assistem ao filme “Pantera Negra” de 2018 por levantar questões comuns a esse público que é constantemente atravessado por violações de direitos. E, refletindo sobre essa questão, a personagem faz uso de um resgate ou uma retomada do que seria direito da população negra: acesso a uma boa qualidade de vida.

O filme “Pantera Negra” vai além de uma narrativa de origem de herói: traz debates importantes sobre o quanto a indústria cinematográfica pode ser importante para evocar sentimentos e despertar emoções em um público que por muitas vezes foi excluído e marginalizado do próprio cinema.

REFERÊNCIAS

AFROKUT. **O que é Afrofuturismo**. Blog AfroKut. São Paulo, 13 de maio de 2018.

Disponível em

<https://afrokut.com.br/blog/o-que-e-afrofuturismo/>. Acesso em 28 de julho de 2021.

ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2002.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas. Papyrus, 2003.

BAZIN, André. **O cinema: ensaios**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

-
- BOTELHO; JUNIOR GERALDES. Joyce Luiza Alves; Gutemberg Alves. **A derrota do herói: a constituição arquetípica da personagem Killmonger no filme Pantera Negra**. Revista Temática. UFPB. Paraíba, 2019.
- CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo. Perspectiva, 2007.
- CIRNE, M. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. **O Olhar opositivo: a espectadora negra**. In: Olhares Negros. Raça e Representação. Rio de Janeiro: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **The Mask In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Tradução: Jéssica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010. Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/1RSeSZVYmA0ceWcFZCyROs9xuS0P2ZRB4/view?fbclid=IwAR0IEP9BBxzl8SntOa4aiICzTe8aQZ6BYN6Q4cqM3-I9mbWwJ4CzMFEEeE9k>> Acesso: 28 de julho de 2021.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – Conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>.28 de julho de 2021.
- YUNES, Mariana Mattar. **A representação de heroísmo negro e expressões de impacto no filme Pantera Negra: análise de conteúdo em uma comunidade de fãs**. Revista Diálogo, 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i39.4931>>. Acesso: 28 de julho de 2021.